



Compreensões sobre o momento contemporâneo da saída da religião e sobre a condição atual da laicidade: entrevistas¹ com pesquisadores franceses

Henrique Marques Lott *

Resumo

Esta comunicação é fruto de três entrevistas realizadas em Paris, entre os meses de outubro e novembro de 2015. Os entrevistados foram: o filósofo Marcel Gauchet, diretor de estudos junto à *École des Hautes Études* EHESS; o cientista político e historiador das laicidades, Philippe Portier, diretor de estudos junto à *École Pratique des Hautes Études* EPHE Paris-Sorbonne e; o historiador Didier Da Silva, professor de história das ideias no *Institut Catholique de Paris*. O objetivo buscado no âmbito destas entrevistas está relacionado com a compreensão de uma perspectiva atual da saída da religião no pensamento de Gauchet, tema de minha pesquisa pós-doutoral junto à PUC Minas de Belo Horizonte e junto ao Programa Nacional de Pós-doutorado PNPd da Capes. As reflexões que conduziram as análises propostas neste texto estão pautadas pelo esforço compreensivo de algumas das características do fenômeno religioso no contexto contemporâneo. O que se indaga e se define neste esforço compreensivo são as reconfigurações que marcam o cenário atual das relações entre política e religião – reconfigurações que delimitam as permeabilidades e os limites do espectro geral dessas mesmas relações. Além disso, de modo mais particular, apresentam-se aqui algumas reflexões sobre a condição de laicidade e de saída da religião no contexto brasileiro.

Palavras-chave: Gauchet; Portier; Da Silva; “saída” da religião; laicidade.

Comunicação recebida em 19 de fevereiro de 2016 e aprovada em 15 de março de 2016.

¹ As traduções de todas as partes das entrevistas aqui apresentadas foram por mim realizadas.

* Doutor em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Professor colaborador do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. País de origem: Brasil. E-mail: henlott@yahoo.com.br.

Introdução

O objetivo visado com a realização das três entrevistas aqui comentadas está relacionado com a possibilidade de refletir sobre a noção de saída da religião, elaborada por Marcel Gauchet, no quadro das significações que esta noção apresenta no momento contemporâneo. Será que podemos falar de saída da religião e de laicidade, no pleno sentido da palavra, diante de certas situações que se apresentam hoje no cenário brasileiro e mundial? É possível dizer que o processo de secularização, seus indicadores e suas categorias se aplicam ao que vivenciamos no mundo atual? O que se busca aqui com essas questões é o esclarecimento de alguns traços particulares que a laicidade e a saída da religião imprimem nos dias de hoje. Esse é o tema que permeou o conjunto geral das três entrevistas.

Os entrevistados falaram do que se vivencia hoje no rastro da saída da religião, da laicidade e da secularização. Marcel Gauchet e Philippe Portier falaram ainda do quadro atual do Brasil e dos conceitos que reúnem no seu conjunto as concepções desencantadas ou reencantadas observadas na esfera social e política. Estaríamos vivendo um retorno massivo da religião ou, ao contrário, registramos apenas manifestações identitárias, de cunho comunitário e movidas pela égide do indivíduo e do pluralismo modernos? Esse é o viés das questões que esta comunicação apresenta e destaca através do que disseram os entrevistados e sobre o que eles pensam a respeito do quadro atual das religiosidades e das espiritualidades no âmbito das relações entre religião e política.

1 Entrevista com Marcel Gauchet: a situação atual da saída da religião

A entrevista com Gauchet foi realizada no dia 27 de outubro de 2015, no bureau da revista *Le Débat*, localizado na sede das Éditions Gallimard, rua Gaston Gallimard, n. 05. Este é, diga-se de passagem, o endereço tradicional, há mais de um século, desta importante casa de edições da França. Gauchet me recebeu em

seu bureau às 15 horas, conversamos sobre alguns detalhes das questões que seriam abordadas no transcorrer da entrevista e, após uma seleção de assuntos, iniciamos a conversa. O foco da reflexão que propus a ele parte da noção de saída da religião e de sua aplicação no mundo contemporâneo. O que procurei indagar está diretamente ligado com a pertinência ou não desta noção no âmbito do que se verifica no cenário contemporâneo das crenças e de suas relações diretas e indiretas com a esfera política.

Comecei a entrevista solicitando uma análise especial a Gauchet, perguntei a ele como seria possível pensar a saída da religião no contexto brasileiro. Expus brevemente certos traços da espiritualidade brasileira e de sua enorme variedade de crenças e religiosidades diversas. Procurei descrever quão variada é nossa paisagem religiosa e como sua força permanece viva e presente nos dias de hoje. De certa forma, procurei colocar à prova o seu conceito de saída da religião diante da realidade de um país tão povoado de religiosidades como é o nosso. Mas o filósofo francês foi conciso em resposta, afirmando a validade de sua teoria não somente em casos como o do Brasil, mas também em um contexto geral que cada vez mais se universaliza.

Com essa indagação inicial que enfoca o Brasil, procurei explorar em profundidade a argumentação do filósofo francês e solicitar esclarecimentos acerca dos conceitos que embasam a sua noção de saída da religião. Sintetizo abaixo as linhas mais gerais da entrevista e as respostas mais diretas de Gauchet aos questionamentos que lhe propus.

Henrique Lott (doravante HL):

Podemos dizer que existe saída da religião no Brasil?

Marcel Gauchet:

Pelo que conheço, a grade de análise que eu proponho se aplica ao caso brasileiro. É preciso simplesmente entender sobre o que quer dizer saída da religião, isso não é evidentemente uma espécie de conversão generalizada ao ateísmo. O essencial do

movimento de saída da religião se passa pelo interior da consciência religiosa e na reflexão dessa consciência religiosa, sobre suas consequências sociais, políticas e jurídicas. Sendo assim, com efeito, o que nós vamos encontrar com relação a essa herança que você descreveu é uma manifestação da saída da religião dentro do caso brasileiro. Parece-me inicialmente surpreendente notar o desaparecimento ou diluição, mesmo se ainda existam traços, de um catolicismo muito tradicional, do tipo como foi o do Antigo Regime europeu até há pouco tempo e que tem ainda muito espaço no Brasil. O catolicismo como religião de ordem social, apoiando toda hierarquia estabelecida de propriedade, das armas e de toda forma de autoridade. Esse catolicismo foi pouco a pouco esterilizado e não resta muito mais, que eu saiba, no caso brasileiro. Do mesmo modo, em outra extremidade do espectro — e creio que esta é uma questão que você já teve a atenção de abordar — existe a modernização religiosa que vem da influência evangelista e que penetra os antigos sincretismos entre as religiões africanas e as religiões populares enraizadas na tradição do país e que cria novos sincretismos, pois aí também o evangelismo é muito frequente.

Existe um fato muito importante que testemunha o movimento de saída da religião, termo que eu propus para compreender a individualização da crença. Todas essas religiosidades ou espiritualidades tradicionais são fundamentalmente religiões da comunidade, essas são celebrações de grupos e a novidade que se introduz com a penetração do evangelismo é do ponto de vista de uma fé muito individual. A questão do si mesmo, como crença, tornou-se o coração da vida religiosa. Isso é totalmente novo, e isso é uma coisa que jogou um papel decisivo em toda a história do processo de saída da religião.

O Brasil entrou na vida democrática com dificuldade e altos e baixos, além de tudo que isso comporta. Mas há alguma coisa de irreversível nesse movimento e que está em profunda consonância com o movimento de individualização da crença religiosa. Ele não desaparece, mas ele muda, ele muda de consequências sociais e políticas. E, desse ponto de vista, eu creio que o Brasil é totalmente engajado no

processo de saída da religião. É preciso dar desse processo uma imagem cada vez mais particular. Mesmo na Europa o fenômeno é assaz massivo para o discutirmos completamente. Houve uma maneira de saída da religião que é própria de cada país: na Inglaterra, na França, na Alemanha, na Itália... são muito diferentes.

HL:

Uma outra questão: a religiosidade no Brasil é muito presente na Assembleia Legislativa através da eleição de deputados evangélicos que, por sua vez, acabam tendo influência na elaboração das leis. Como é que, em sua opinião, é possível pensar a saída da religião nesse caso?

Marcel Gauchet:

O caso do Brasil não é isolado, existem outros países onde observamos o mesmo fenômeno. Por isso, eu creio que é preciso prestar muita atenção na distinção entre aquilo que toca a vida pública política e aquilo que toca a condição pessoal. Eu não acompanhei suficientemente de perto a vida política brasileira para maiores detalhes dessa influência dos evangélicos sobre a legislação. Contudo, em geral, o papel se concentra abertamente sobre questões de moral pessoal. De outra parte, existe a vida política, a vida da cidade e, desse ponto de vista, está a grande diferença entre os evangélicos e os católicos tradicionais.

**2 Entrevista com Philippe Portier :
o reavivamento da relação entre religião e política**

A entrevista com Philippe Portier aconteceu no laboratório do Groupe Sociétés, Religion Laïcités GSRL, na sede da *École Pratique des Hautes Études* EPHE Paris-Sorbonne, situada na rua Pouchet, n. 59-61. O Prof. Portier me recebeu às 13 horas no laboratório do GSRL. Expus a ele previamente o que pretendia apresentar como questionamentos (que são parte da investigação conceitual de minha pesquisa) e logo passamos para as questões mais essenciais que elencamos para a entrevista.

Comecei com uma pergunta geral sobre a condição atual da laicidade, da secularização e do desencantamento do mundo. Em seguida, perguntei a Portier o que ele teria a dizer diante da situação da laicidade no caso particular do Brasil e, em especial, diante da constatação de uma participação cada vez maior de deputados evangélicos na Assembleia Legislativa do país. Indaguei ainda acerca do que ele teria a dizer sobre a pertinência e validade das noções desencantadas de mundo, diante do momento em que vivemos. Transcrevo abaixo algumas partes da entrevista com Philippe Portier.

HL:

Uma primeira questão que eu gostaria de lhe propor é sobre a secularização ou desencantamento do mundo. Podemos dizer que vivemos hoje em dia em um mundo desencantado e plenamente laicizado?

Philippe Portier:

Essa é uma questão muito complicada, que remonta de fato ao início da sociologia da religião. Já Durkheim e Weber, mas antes deles Marx e Auguste Comte se colocaram a questão de definir religião em nossa sociedade contemporânea. E a ideia que por longo tempo prevaleceu até os anos 1960-1970, disso com que nós fomos confrontados, tem um processo, um fenômeno de secularização contínua, traduzindo-se pela perda da referência religiosa, a diminuição das afiliações e a descrença na norma e valores vestidos pelas grandes religiões.

Muito bem, não temos mais exatamente hoje a tese da secularização que se substituiu muito pela tese da recomposição do religioso. E, vemos particularmente em nossas sociedades ocidentais, se afirmarem novas crenças frequentemente subjetivas, desreguladas, desinstitucionalizadas, mas que permanecem no todo mesmo como crenças importantes. Desse modo, pode-se dizer que hoje muitos sociólogos observam, no que concerne o mundo ocidental, que os não crentes são cada vez mais e os crentes são cada vez menos religiosos. Queremos dizer que, por aí, do lado dos crentes, nisso que tem de resto e está ainda na religião católica, por

exemplo, no que concerne à França do lado dos crentes, existe uma colocação em dúvida mais forte de suas próprias adesões, uma colocação em dúvida mais forte de suas próprias crenças, uma espécie de distância com relação à instituição eclesial pelo que concerne à França com relação à instituição católica.

Contudo, o que eu lhe disse sobre a França, vale também para a Espanha, para a Itália, para a Bélgica *a fortiori*. Aí está primeiramente um lado. E, de outro lado, do lado dos que se dizem não crentes, existe uma adesão cada vez mais forte a elementos de espiritualidade, a crenças paralelas que sem dúvidas não são reguladas pela instituição, mas que traduzem uma necessidade de transcendência, uma necessidade de marca, uma necessidade de referências religiosas, mesmo se essas referências não são institucionalizadas em uma sociedade que é cada vez mais problemática.

HL:

No Brasil nota-se cada vez mais a participação de deputados evangélicos na Assembleia Legislativa. No seu entendimento, essa situação desfaz a condição de laicidade do estado brasileiro?

Philippe Portier:

Esta é uma questão muito difícil por que tudo depende da definição que damos à palavra laicidade. Em geral, temos por laicidade um regime jurídico e político no qual primeiramente os indivíduos dispõem de uma liberdade de crença ou de não crença. Primeira ideia, portanto: cada um deve poder crer ou não crer como ele entende e manifestar publicamente, se ele o deseja, sua opinião, sua crença ou sua não crença. A segunda característica da laicidade é o Estado neutro. Neutralizar o Estado no sentido que esse Estado não se coloque a serviço de uma crença diferente, de uma crença religiosa que afirmaria sua singularidade com relação a todas as outras crenças na sociedade. De um lado, por conseguinte, liberdade de convicção; de outro, neutralidade do Estado, um Estado que não intervém na esfera religiosa.

O problema que você colocou é um problema muito difícil. O que faz com que haja deputados evangélicos ou senadores evangélicos na câmara parlamentar brasileira transforma a situação do país. Isso, portanto, faz do Brasil um Estado religioso e não um Estado laico? Não existe aí oposição com a laicidade, [com] a condição que esses evangélicos respeitem um certo número de pontos do pacto social. Pois bem, primeira ideia, um certo número de atores, de autores de hoje, admitem que as forças religiosas intervêm muito no espaço público e os evangélicos, como entre nós os católicos, intervêm no espaço público.

Não é normal para uma democracia liberal, para uma democracia constitucional, os impedir de falar, tudo simplesmente porque os católicos ou os evangélicos devem expor a liberdade de crer e expor suas próprias opiniões. O primeiro elemento aí é o elemento de liberdade na laicidade, e é normal que os esforços religiosos possam se exprimir em uma sociedade democrática. O segundo elemento, é preciso, todavia, que o Estado permaneça um outro. Esse é o segundo elemento de definição da laicidade. Isso supõe da parte das forças religiosas duas coisas. A primeira coisa é isso que faz com que as forças religiosas falem a linguagem da razão comum, isto é, no interior do parlamento elas utilizam argumentos que são argumentos seculares e não argumentos religiosos. Por exemplo, eles se contrapõem com a laicidade ao evocarem a Bíblia, ao evocarem o nome de Deus na controvérsia pública. Nesse momento, o Estado perderia sua neutralidade, essa é a primeira condição e; a segunda condição é a seguinte: quando temos forças religiosas tornando-se dominantes em um Estado elas devem, para que a laicidade seja respeitada, respeitar sempre a liberdade de não crer de uma outra parte da população. Então, para responder à sua questão, me parece que hoje, se você quer, pelo que concerne aos evangélicos entre vocês e os católicos entre nós, a intervenção na esfera política não coloca em causa totalmente a laicidade. Essas forças têm o direito de se exprimirem em um Estado laico como outras forças.

HL:

Podemos dizer que as sociedades são sempre religiosas e que vão continuar sempre religiosas e isso quer dizer que há uma relação necessária entre religião e política?

Philippe Portier:

Sim. Eu penso que sua questão é importante e ela coloca em causa o postulado da secularização. Não acreditamos que o religioso vai desaparecer, mas ainda é preciso se entender sobre a definição de religioso. A primeira ideia, o primeiro destaque é: notamos que cada vez mais as forças religiosas intervêm na política hoje. João Paulo II interveio na Polônia, a teologia da libertação interveio na América do Sul, você evocou os evangélicos agora há pouco, eles intervieram e eles intervêm ainda no Brasil, no Peru, no Chile, por exemplo. Tudo bem que eles tenham uma estratégia de penetração na cena pública. Desse ponto de vista não podemos dizer que o religioso desapareceu, ao contrário, nós o vemos reaparecer hoje com muita atitude e, na França, nós ficamos conhecendo, por exemplo, o momento da controvérsia sobre o casamento homossexual, sobre o casamento igualitário, nós ficamos conhecendo todo um rearmamento, toda uma reafirmação da Igreja católica no campo político, esse é meu primeiro destaque.

Sendo assim, o religioso não desaparece, ele reaparece hoje. Em todas as partes da população de nossas sociedades, da sociedade brasileira, da sociedade francesa. Tudo simplesmente porque as ideologias seculares são muito frequentemente ideologias extenuadas, ideologias tocadas de deslegitimidade e que toda uma parte dos indivíduos reencontram hoje o sentido do religioso para reconstruir a sociedade política. Esse é meu primeiro destaque. Um segundo destaque, é que é preciso responder aqui à lição de Durkheim. Durkheim nos diz muito claramente em *As formas elementares da vida religiosa*, por exemplo, que o religioso institucional, o religioso histórico, o religioso católico, são religiosos que decrescem no tempo e que há cada vez menos pertinência no conjunto social. Mas ele ajunta imediatamente que, tomada no seu conjunto, encontramos a sociedade que recria valores religiosos. Desse modo, esses não são mais valores católicos, não

são mais necessariamente valores protestantes, mas são valores religiosos pelos quais a sociedade se sacraliza a si mesma. E Durkheim dá, por exemplo, ilustrações dos direitos do homem que aparecem para ele como sendo o foco da crença religiosa a partir do qual a sociedade pode reencontrar uma coerência.

Sendo assim, eu penso que posso responder dessa maneira a sua questão: se tomamos uma definição weberiana do religioso, podemos dizer que as forças que se ligam ao religioso transcendente — a um religioso meta-empírico, por exemplo, uma força católica, uma força evangélica — oferecem novamente o religioso na sociedade. Você tem, na França ou no Brasil, movimentos que se anunciam da Bíblia, que se anunciam do Evangelho para reconfigurar a sociedade. O religioso renasce através dessas mobilizações, mas sob o ponto da definição durkheimiana, considerando que o religioso é o fenômeno pelo qual uma sociedade se reafirma pelo meio de separação entre o sagrado e o profano, fenômeno pelo qual uma sociedade sacraliza alguns de seus valores para encontrar sua própria coerência. E podemos bem dizer que na sociedade você tem criação do sagrado, criação, por conseguinte, de religiões que permitem dizer, eu tomo o exemplo dos direitos do homem que a sociedade reencontra aí, por seu próprio passo, a ideia de uma religião civil que lhe permite encontrar e reencontrar sua coerência. Essa é uma resposta possível para a sua questão.

3 Entrevista com Didier Da Silva: vivemos um retorno da religião ou apenas mais uma etapa da saída da religião?

A entrevista com Didier Da Silva aconteceu no dia 13 de novembro às 15 horas, no *Institut Catholique de Paris*, rua d'Assas, n. 26. Didier é um leitor assíduo de Marcel Gauchet, sua contribuição nesta entrevista foi a de tentar analisar a pertinência da tese da saída da religião para o momento atual em que vivemos.

Iniciei a entrevista procurando interrogar sobre o que converge e o que não converge com as teses do desencantamento do mundo. Solicitei a Didier que falasse dos pontos em que podemos afirmar a tese gauchetiana da saída da religião e também dos pontos em que podemos questionar esta tese. Solicitei ainda, que ele desse um parecer sobre se é possível ou não falar de saída da religião em face das experiências religiosas e espirituais vivenciadas nos momentos mais recentes. Segue abaixo uma síntese dos principais pontos abordados durante a entrevista.

HL:

Eu gostaria de lhe perguntar em que sentido você estaria de acordo com a teoria do desencantamento do mundo e qual o lugar das religiões hoje? A seu ver, nós vivemos em um mundo completamente desencantado, secularizado e laico, ou estamos ainda em um mundo religioso e encantado como era no passado?

Didier Da Silva:

Pois bem, para mim que sou historiador, o pensamento de Gauchet é um pensamento de longa duração, um verdadeiro pensamento histórico. É isso que me interessa primeiramente no pensamento de Marcel Gauchet. Há uma postura que entra em conflito radical com um limite que muitos filósofos e pensadores veem na modernidade, é a noção de imediaticidade, que quer dizer que estamos em uma sociedade que é extremamente rápida, uma sociedade da urgência perpétua que nos afasta de fato da necessidade interior da prece, da vida interior. E, penso eu, essa imediaticidade é justamente um obstáculo cruel, um verdadeiro obstáculo para compreender o fenômeno religioso hoje. Notadamente, no contexto francês, podemos falar da compreensão do fato religioso, do choque das ignorâncias e do choque das demagogias – contrariamente à postura de Marcel Gauchet, que consiste em tomar um recuo histórico justamente para compreender a fé religiosa. Para ele, é correr o risco do sentido onde pode haver um discurso do realismo com relação à religião. Esse é o discurso do realismo, eu penso que muitos intelectuais na França são incapazes de o compreender. Aliás, existe uma polêmica sobre e contra Marcel Gauchet, de intelectuais que o tratam justamente de reacionário com

relação a seu pensamento, um pensamento que é melhor colocado para compreender as religiões. E essas polêmicas, que são muito parisienses e muito francesas, vêm de pessoas que, justamente, como diríamos, negam a importância do fato religioso, são pessoas para as quais a religião era uma espécie de acidente da história onde as religiões são de fato fantasmas absurdos dos quais a modernidade deve se desembaraçar.

HL:

Conforme sua interpretação, até que ponto as ideias de Marcel Gauchet oferecem respostas para se pensar a situação atual das religiões?

Didier Da Silva:

Como eu lhe dizia há pouco, falar de religião na França é muito complicado, isso, sobretudo, desde os atentados de 7 de janeiro contra a redação do jornal Charlie Hebdo. Bom, esse é um dado, é um atentado que tem pessoas em um contexto complicado na França, com uma laicidade ao mesmo tempo assaz dura. Esses acontecimentos cristalizaram ainda mais certo número de problemas e de dificuldades a respeito do fato religioso e de se falar sobre ele mesmo. Mas, veja bem, esses atentados, o que se passa na Síria, o aumento de poder, o aumento dos integristas, o aumento dos extremismos religiosos, tudo isso recoloca em questão o que diz Marcel Gauchet. Especialmente depois que você vê uma erupção finalmente espetacular das religiões na sociedade que acreditamos apaziguada, secularizada e tranquila. Para mim, é aí que se suscita a palavra espetacular. Isso quer dizer que tenho menos tempo no sentido de entender um pensador francês que aplica o termo que inventou o que chamamos de situacionismo e que dizia que nós estávamos em uma sociedade onde o imediato tem certo papel no entretenimento da formação. Mas, o imediato pode querer também ter um papel de deformação na formação. E, pergunto então se são esses acontecimentos que vimos com o Charlie Hebdo, na Síria etc., que colocam numa cena espetacular isso que diz verdadeiramente alguma coisa de retorno do religioso? Eu não sei, é alguma coisa

que está acontecendo. Isso recoloca realmente em questão o pensamento de Marcel Gauchet.

Contudo, é verdade que falamos até aqui especialmente do Islã, mas o trabalho de Marcel Gauchet não é propriamente um trabalho sobre o Islã. Não é uma reflexão sobre o Islã, mas sobre o cristianismo ocidental. Eu não sei até que ponto o Islã é portador desses extremismos, dessas possibilidades de integrismo e de violência como dizia um outro pensador que se chama René Girard.

O retorno finalmente das religiões é o que se passa antes de tudo num retorno identitário e não um retorno necessariamente espiritual, isso não é a mesma coisa. Pois bem, é nisso que o livro de Marcel Gauchet é interessante. Uma última coisa, no livro de Marcel Gauchet, *O desencantamento do mundo*, existe a questão da ‘era de ouro’. Existe aí uma era da religião. Podemos pensar certamente que pode haver uma era da secularização, por exemplo.

Conclusão

O que podemos observar, a partir das três entrevistas aqui apresentadas, é que temos três visões diferenciadas sobre um mesmo fenômeno, isto é, o fenômeno das relações entre religião e política no momento atual, visto à luz da teoria da saída da religião ou desencantamento do mundo. Na concepção de Gauchet, por exemplo, a saída da religião é uma realidade que vem se consumando de modo cada vez mais avançado e como um processo em continuidade. Em outras palavras, como um processo que continua se desdobrando no seio de nossas sociedades. Em seu entender, é pelo interior que se realiza o movimento de saída da religião, ou seja, é de dentro da própria religião que começa uma transformação que a leva a tornar-se outra coisa que é diferente da religião. Segundo Gauchet, vivemos atualmente as etapas mais avançadas da saída da religião e vemos que cada vez mais as sociedades escapam da religião. Contudo, isso não impede que o religioso

tenha lugar em nosso mundo contemporâneo e, por sua vez, no âmbito das ações do indivíduo moderno e contemporâneo.

De uma maneira diferente parece pensar Philippe Portier. Ele segue um viés que coloca em xeque certos postulados da saída da religião. E, em alguns aspectos em certos pontos determinados, podemos dizer que suas ideias nos levam a crer que estamos assistindo a uma revivescência do religioso no mundo. A seus olhos, as relações entre religião e política marcam fortemente o cenário atual em que vivemos.

Contudo, não obstante as diferenças, se olharmos com mais cautela, podemos entrever uma convergência entre as ideias destes dois autores. Portier deixa bem claro que existe um processo de laicização que é contínuo e que apresenta determinações históricas concretas. Todavia, em seu parecer, as pessoas religiosas continuam a afirmar suas crenças no âmbito social e político. Isso não contradiz a tese de Gauchet que, embora indique a saída da religião como um fato consumado, admite a permanência do religioso e a continuidade da crença religiosa no mundo atual.

Na interpretação de Didier, a tese de Gauchet é pertinente aos acontecimentos mais recentes como, por exemplo, o atentado terrorista à redação do jornal Charlie Hebdo em 07 de janeiro de 2015. Em sua opinião, esse tipo de manifestação radical e violenta, bem como outros tipos de manifestações que assistimos na cena contemporânea, não atesta propriamente um retorno da religião. Todavia, essas mesmas manifestações indicam construções e reconstruções comunitárias de cunho religioso e identitário.

É possível constatar que, embora o campo das discussões suscitadas nas referidas entrevistas esteja francamente aberto a novas discussões, pode-se concluir até aqui, que a saída da religião ou o desencantamento do mundo não exclui nem a crença, nem as manifestações comunitárias de fé e menos ainda a religiosidade pessoal de cada um. Contudo, fica claro também, que a religião deixa

de ocupar o lugar do político que ocupava no passado. E é nesse sentido específico que Gauchet fala de saída da religião.

REFERÊNCIAS

GAUCHET, Marcel. **La condition historique**. Paris: Gallimard, 2003.

GAUCHET, Marcel. **La condition politique**. Paris: Gallimard, 2005.

GAUCHET, Marcel. **Le désenchantement du monde** : une histoire politique de la religion. Paris: Gallimard, 1985.

LOTT, Henrique Marques. O limiar entre religião e democracia na obra de Marcel Gauchet. **Plura**, Juiz de Fora, MG, v. 5, n. 1, p. 19-33, 2014.

PORTIER, Philippe. Introduction: L'essence religieuse de la modernité politique. Éléments pour un renouvellement de la théorie de la laïcité. In: LAGRÉE, Jacqueline ; PORTIER, Philippe (dir.). **La modernité contre la religion?** Rennes: Presses universitaires de Rennes, 2010. p. 9-23.

PORTIER, Philippe. Nouvelle modernité, nouvelle laïcité. La republique française face au religieux (1880-2009). **Estudos de Religião**, São Paulo, v. 25, n. 41, p. 43-56, jul./dez. 2011.

SILVA, Didier da. **La personne à venir** : héritage et présences d'Emmanuel Monier. Paris: ASL, 2002.